

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOEL NETO PORTELA

DOS POBRES É O REINO DE DEUS

VITÓRIA-ES

2021

JOEL NETO PORTELA

DOS POBRES É O REINO DE DEUS

Trabalho de Conclusão de Curso na
forma de Artigo como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em
Teologia. Faculdade Unida de Vitória

Orientador: José Adriano Filho

VITÓRIA - ES

2021

RESUMO

A presente pesquisa visa apresentar a noção de pobreza no Velho e no Novo Testamento em seus aspectos histórico-teológicos e etimológicos. Para que esse fim seja atingido, tomaremos de uma coleção bibliográfica de obras específicas sobre o assunto estudado, e igualmente, obras clássicas de caráter geral, e exemplos mais notáveis de escritos onde tais palavras aparecem. Dessa forma haverá uma sincronicidade entre o contexto histórico, que forma a questão etimológica e a própria língua que vem a ser o padrão pela qual a cultura é expressa. Buscaremos, ao fim, além de dar uma visão filosófica mostrar como a questão da pobreza bíblica ao longo do tempo foi afetada pela institucionalização da Igreja e a implicação de tal mudança para o Cristianismo.

Palavras-chave: Pobreza. Pobres. Bíblia. Sermão do Monte. Bem-Aventurança.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 BEM-AVENTURADOS	6
1.1 O conceito de pobre no antigo testamento.....	6
1.2 Riqueza e pobreza no Judaísmo do Novo Testamento.....	8
1.3 Discrepância das narrativas de Lucas e Mateus.....	9
2 POBRE NO ESPÍRITO	10
2.1 Dos pobres é o Reino de Deus.....	10
2.2 O pobre na ótica Cristã.....	11
2.3 O pobre nas Escrituras.....	12
3 POBRE E NÃO POBREZA.....	13
3.1 As boas novas aos pobres.....	13
3.2 Espírito humilde.....	14
3.3 Considerações.....	14
CONCLUSÃO.....	16
REFERÊNCIAS.....	17

INTRODUÇÃO

A questão da pobreza, independente de sua conceituação coesa historicamente, sempre foi um norte para os cristãos. Talvez isso se dê pela ênfase que a Bíblia dá na virtude da auto-resignação, de modo que, até personagens cristão não-bíblicos são retratados como possuindo tal característica. Um bom exemplo é Lúcia de Siracusa que é tratada, na igreja Católica, por Santa Lúcia. Ela foi morta pelo Império Romano ao ser descoberta como cristã após doar as suas posses, visto que era de uma família rica, para os pobres.

Porém a pobreza da qual fala Jesus não é somente material, mas igualmente espiritual. Devido a isso, trataremos, desse aspecto específico na segunda parte após uma exposição histórica do estado das coisas para o pobre desde a era pré-cristã até a atualidade.

Após a exposição do conceito de pobre nas Escrituras na primeira parte sob o ponto de vista histórico trataremos das promessas feitas pelo próprio Cristo a eles, e do porquê Cristo ter reservado a eles a maior das promessas feitas nos seus Macarismos.

A pobreza de espírito é tão importante quanto a material pois ela é, como explicaremos, o fundamento para a salvação, como será exposto na terceira parte que fala sobre as boas novas o primeiro requisito para ser salvo, e talvez o principal é aceitar a graça de Cristo, como expressa o princípio da *Sola Gratia*.

Esperamos que o presente estudo, além de elucidar a questão proposta sirva de base para estudos posteriores nesse assunto tão rico, que são os Macarismos de Cristo.

1 BEM-AVENTURADOS

O Sermão da Montanha, como nos é apresentado por Mateus, demonstra a recompensa do justo em suas diversas esferas onde aqueles que agem de acordo com a vontade divina recebem o seu galardão. Porém, assim como o justo recebe consequências qualitativamente proporcionais às suas ações, ou seja, bênçãos. O ímpio também recebe igualmente maldição por seus atos iníquos.

Nietzsche em seu livro mais conhecido “Assim falava Zaratustra” afirma com característico desdém: “Seria para mim um sofrimento e um tormento crer em semelhantes fantasmas. Seria sofrimento e humilhação. Assim falo aos que crêem em mundos do além”.¹ Porém, Cristo afirma objetivamente: “Fiquem alegres e felizes, pois uma grande recompensa está guardada no céu para vocês” (Mt 5,12). E uma das antíteses bíblicas desse pensamento Nietzschiano se dá em Hebreus demonstrada no seguinte versículo: “A fé é uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se vêem” (Heb 11,1).

O termo “Bem-aventurados” usado no original grego é *Μακάριοι*. Na tradução da Bíblia de Jerusalém se dá o uso do mesmo termo. Existem discrepâncias como é o caso de “*Blessed*” no original em inglês da KJV, significando “Abençoados”. Porém no original grego a palavra pode ter várias conotações, como se dá em “Protágoras” de Platão onde o termo é traduzido por sábio.² Uma outra tradução apropriada seria rico, evidentemente, em um contexto diferente. É também notado que o modo passivo no original demonstra que há um cumprimento presente das ações divinas demonstrando que Deus é o sujeito que há de realizar a ação enunciada. Isso se dá, por exemplo, em alguns termos de Mateus 5, foco de nosso estudo inicial, onde o uso de tal recurso é recorrente.³

1.1 O CONCEITO DE POBRE NO ANTIGO TESTAMENTO

“Quanto aos pobres, vós sempre os tereis convosco, mas a mim vós nem sempre tereis” (Jo 12,8)

¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falava Zaratustra*. São Paulo: Lafonte, 2017, p. 35.

² SANTOS, Mário Ferreira dos. *Protágoras*. São Paulo: Matese, 1965.

³ JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

A pobreza no judaísmo e cristianismo tem manifestações distintas, não relativas, propriamente, à sua manifestação na esfera social, mas sim em como essas cosmovisões lidam com esse fenômeno baseando-se nas suas estruturas doutrinárias. Da mesma forma, pode se analisar um fenômeno sob a esfera social ou religiosa. Em um primeiro momento daremos uma definição social e econômica para tal conceito.

A pobreza se dá quando determinado indivíduo carece de condições de sobrevivência básica, no judaísmo a pobreza é vista como um fenômeno que deve ser mitigado na medida do possível pela comunidade, de modo que o sistema econômico é politicamente obrigado, por diversas leis, a exercer caridade.⁴

A definição etimológica Latina de pobre *pauper*, “que produz pouco”⁵, demonstra que a sociedade romana tinha uma noção de que a condição social do indivíduo era de sua responsabilidade. Na visão judaica Deus tem um cuidado especial para com os pobres. Isso pode ser visto em diversos textos do Antigo Testamento que tratam do assunto.

Um exemplo histórico que podemos tomar é o *leket* que se refere à parte do grão que cai da foice durante a colheita. Assim como *pe'ah* e *shichechah* sendo o primeiro a parte da plantação que se encontra nas laterais e é destinado para os passantes que se encontram em necessidade, e o segundo a produção que cai no chão e é deixada propositalmente pelo agricultor⁶.

Os principais termos que são usados no Antigo Testamento para definir o conceito de pobreza variam desde definições específicas até conceitos gerais. Para prover um panorama mais adequado será usada uma tabela comparativa.

רוש - Verbo	(Estar) pobre, necessitado
אָבִיּוֹן - Adjetivo	necessitado, pobre
עָנִי – Adjetivo	aflito, pobre, humilde
מְסֻכֵּן – Adjetivo	pobre ¹
עָנָו - Substantivo Masculino	aflito, humilde
עֲנִיָּה - Adjetivo	pobre

⁴ (KOLLAR; SHAFIQ, 2016)

⁵ (VAAN, 2008)

⁶ (KOLLAR; SHAFIQ, 2016)

אֲלֵלְיָ - Adjetivo	infeliz
---------------------	---------

Portanto, na cosmovisão hebraica pode se afirmar que o infortúnio do indivíduo se dá como fruto das circunstâncias adversas da realidade. A conclusão que se chega é que para Deus a caridade é uma obrigação moral, comunitária e pessoal.

1.2 RIQUEZA E POBREZA NO JUDAISMO DO NOVO TESTAMENTO

O período que será analisado será delimitado tendo seu início com o nascimento de Cristo, indo até a Cerco de Jerusalém no ano 70 D.C. Essa escolha se dá pela noção de que após a Segunda Diáspora Judaica a cultura do povo Judeu passou por uma transformação drástica.⁷

A significação de pobreza que é apresentada no sentido peculiar a essa monografia em muito se assemelha àquela desenvolvida por Herbert Marcuse, ou seja, a noção de que existem vários fatores de caráter cultural e social que influem em um constante estado de opressão do indivíduo. Logo, sob essa conceituação pobre seria sinônimo de oprimido. A questão da pobreza, sendo fruto de uma relação de poder, que por sua vez tem uma estrutura dialética, será exposta mais adiante.

Utilizando esse conceito em suas diferentes esferas podemos através de uma análise histórica do período em questão chegarmos à noção de que haviam grupos que oprimiam e ao mesmo tempo sofriam opressão de outros grupos. Os Samaritanos, por exemplo, eram discriminados pelos Judeus, que por sua vez, eram discriminados pelos Gregos. Simon Schama nos expõe:

O que os gregos odiavam (nesse sentido) era a obstinação da diferença Judaica, marcada pelo corte que eles faziam em seu membro masculino, a pausa que eles faziam em sua semana, as restrições que eles aplicavam à sua dieta, a singularidade que eles reivindicavam para sua deidade sem rosto e perpetuamente lograda, sua recusa exasperante em ser como todos os demais.⁸

⁷ SCHAMA, Simon. *A Story of the Jews*, New York, NY: Harper Collins, 2015, 602, p. 109.

⁸ “What Greeks hated (in this view) was the obstinacy of Jewish difference, marked by the cut they made on their male member, the break they made in their week, the restrictions they placed on their diet, the uniqueness they claimed for their faceless, perpetually cross deity, their exasperating refusal to be like everyone else.” (Tradução livre). SCHAMA, 2015, p. 109.

Podemos afirmar que o ódio, por questões culturais e religiosas era recíproco. Especialmente por aqueles que tinham, na sociedade Judaica, uma posição de prestígio devido à sua influência religiosa, que possuía, evidentemente, uma face econômica, aspecto demonstrado, por exemplo, no episódio em que um homem traz uma oferta singela ao templo no dia em que o Rei Agripa iria trazer mil ofertas, proibindo qualquer outra.⁹

A diferença de *status* também se manifestava em questões de raça e gênero, como pode ser visto no relato de João onde Jesus se dirige à mulher Samaritana: “Era preciso passar pela Samaria” (Jo 4,4). “Naquele instante, chegaram os seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher; nenhum deles, porém, lhe perguntou: ‘Que procuras? ou: ‘O que falas com ela?’” (Jo 4,27, grifo nosso). Diz-lhe, então, a samaritana: Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana”. (*Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos*) (Jo 4,9, grifo nosso).

Um ponto igualmente relevante para a compreensão da condição do oprimido em Jerusalém é a existência da escravidão no período, existência essa que, além de tolerada, era um aspecto econômico relevante da época. De modo que, inclusive, havia uma pedra em Jerusalém, dedicada ao comércio desse gênero.¹⁰

1.3 DISCREPÂNCIA DAS NARRATIVAS DE LUCAS E MATEUS

O Sermão da Montanha tem repercussões culturais notáveis até mesmo em meio a pessoas que pouco conhecem a bíblia ou até mesmo as palavras de Cristo. Isso se dá por dois motivos. O primeiro é a difusão de ideias cristãs na sociedade em geral, e igualmente, o caráter quase que arquetípico de Cristo como o “Grande Sofredor”, em suma, a melhor pessoa possível passando pelas piores circunstâncias possíveis.

As principais diferenças entre o relato de Lucas e de Mateus se manifestam, primeiramente, no número de bem-aventuranças (4 em Lucas e 8 em Mateus). E na presença dos “Ais” em Lucas tal perspectiva é exposta no seguinte texto:

Jesus começa com uma série de nove afirmações tradicionalmente chamadas beatitudes, do termo latino para “abençoado”. O paralelo de Lucas tem somente quatro dessas beatitudes, cada balanceada por um aí. Logo para Lucas, “Bem-Aventurados vós que sois pobres” (Lucas 6:20) é correspondido

⁹ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalem in the times of Jesus: An Investigation into Economic and Social Conditions during the New Testament Period*. Philadelphia, PA: Fortress Press, 1969.

¹⁰ JEREMIAS, 1969.

por “aí de vós que sois ricos” (Lucas 6:24). Sem aís, pelo menos por enquanto, na versão de Mateus.¹¹

Tratando especificamente da pobreza Cristo a expressa como sendo de espírito, (relato presente em Mateus) e material, de fato, em Lucas. A palavra em grego usada é πτωχός presente em ambos os relatos. Trataremos especificamente da pobreza de espírito em sua noção bíblico-etimológica no próximo tópico.

2 POBRES NO ESPÍRITO

“Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3).

Uma das traduções da palavra πτωχός, já citada anteriormente, é “destituído”, a noção exposta por Cristo é semelhante àquela já comum no Estoicismo presente na obra de Arnim onde é demonstrado que somente o homem sábio é verdadeiramente rico *Arnim*¹². Tal paralelo também está presente no seguinte trecho de Provérbios:

“Se invocares a inteligência e chamares o entendimento; se o procurares como o dinheiro e o buscares como um tesouro; então entenderás o temor de Iahweh e encontrarás o conhecimento de Deus” (Prov 2 ,3-5).

Logo podemos afirmar com base nessas fontes que pobre no espírito é aquele que busca a Deus e tem consciência da sua pobreza espiritual. Sendo esse o primeiro requisito para o perdão pleno e conseqüentemente para a salvação, e a entrada no reino de Deus.

2.1 DOS POBRES É O REINO DE DEUS.

Um aspecto que foi abordado com ênfase no relato de Mateus é a questão da justiça. Porém a ênfase na infalibilidade da justiça divina é ainda mais perceptível nos

¹¹ “Jesus begins with a series of nine statements traditionally called beatitudes, from the Latin term for “blessed.” Luke’s parallel has only four of these beatitudes, each balanced by a woe. Thus for Luke, “Blessed are you who are poor” (Luke 6:20) is matched by “woe to you who are rich” (Luke 6:24). No woes, at least not yet, in Matthew’s version”. (tradução livre). LEVINE, Amy Jill. *Sermon on the mount a beginner’s guide to the Kingdom of Heaven*. Nashville, TN: Abingdon Press, 2020, p. 26.

¹² Citado por AUNE, David E. *Revelation 1-5*. World Biblical Commentary. Volume 52, DALLAS Word Books Publisher, 1997, p. 667.

livros de autoria Paulina onde o termo “justiça” (nas suas diferentes conjugações e formas) é usado 23 vezes. Isso enfatiza a preocupação divina com as questões sociais e relações que produzem injustiça na esfera do atuar humano.

Baseado na experiência de sua encarnação Cristo vem entender não somente a dor causada pelo pecado, mas igualmente a situação de vulnerabilidade social causada pela exclusão do indivíduo por certos setores da sociedade. Logo fica implícito que, ao dizer que a pobreza é fator essencial para a entrada no reino dos céus haveria uma solução para o dilema humano: “A solução final, então, para o problema ansiedade-sobre-dinheiro é definir o coração e mente para buscar a forma de ser de Deus no mundo e seu reino vindouro, que promete resultar na necessidade de todos sendo verdadeiramente supridas”¹³.

2.2 O POBRE NA ÓTICA CRISTÃ

Para desenvolvermos uma compreensão mais adequada do que a pobreza significa no cristianismo devemos ter uma visão histórica do que ele veio a se tornar antes, durante o Medievo, e logo após. Durante esse processo vem a ocorrer a institucionalização da Igreja visto ser essa a conotação, inclusive, do termo grego *Εκκλησία*. Serão essas mudanças objeto de estudo desse capítulo e igualmente a mudança da noção de pobreza no cristianismo ao longo do tempo.

Historicamente se formos considerar uma relativa homogeneidade da noção de pobreza na Europa haverá uma constância, e após uma mudança, com a continuidade de certos aspectos da cosmovisão anterior. Tratando das mudanças tanto no comportamento relativo ao ideário Cristão de pobreza quanto da sua propagação Cusato afirma:

Durante o nono e o décimo séculos, conhecidos como a primeira era feudal (durante o período pós-carolíngio) a noção de pobreza como elemento constitutivo da espiritualidade Cristã existia dentro do quadro da vida monástica. Porém, seu significado era, de fato, visivelmente diferente do que ele iria se tornar nos dois ou três séculos que o seguiram.¹⁴

¹³ “The final solution, then, to the anxiety-about-money problem is to set one’s heart and mind to seeking God’s way of being in the world and his coming reign, which promises to result in all of one’s needs being truly met”. (tradução livre). PENNINGTON, Jonathan T. *The Sermon on the Mount and Human Flourishing: A Theological Commentary*. Grand Rapids, MI: Backer Academic, 2017, p. 255.

¹⁴ During the ninth and tenth centuries, known as the First Feudal Age (during the post-Carolingian period), the notion of poverty as a constituent element of Christian spirituality did exist within the framework of monastic life. However, its meaning was, in fact, conspicuously different from what it was to become in

Após o fim do período Feudal e o início da era moderna a situação de mudança nos conceitos e igualmente no estado das coisas, começou a acontecer, com grande resistência advinda das instituições Católico-Romanas. Isso se deve principalmente à ascensão do capitalismo como o sistema econômico predominante na Europa.¹⁵ Posteriormente teremos uma análise *frankfurtiana* da noção de pobreza que elucidará igualmente sua forma na chamada *pós-modernidade*.

2.3 O POBRE NAS ESCRITURAS

Um assunto ainda inexplorado por nós que pode vir a refletir a questão da pobreza as suas causas, e a perspectiva divina a esse respeito é a vida de Jó, que em certo sentido é uma representação quase que arquetípica da pobreza. Podemos extrair tanto como se dava o comportamento de *patologização* e exclusão do indivíduo pobre, como também, o modo como a sociedade judaica pré-cristã via tal fenômeno.

O que vem a tornar Jó um bom exemplo é em parte ele ter riqueza e perdê-la. Mas principalmente a sua ignorância tanto da razão do seu sofrimento momentâneo quanto do conflito, entre Deus e Satanás, que estava pior atrás dele. O psicanalista Suíço Carl Gustav Jung em seu livro “resposta à Jó” vem a emitir vários juízos negativos sobre a ação de Deus sobre Jó Argumentando que ele permitiu tal sofrimento por interesses próprios.¹⁶ Já Inácio de Loyola faz uma correlação entre a fé de Jó e o fato de ele não saber o porquê de seu sofrimento, visão notada no seguinte trecho:

Ao usar essa técnica o autor comunica ao leitor informação vital da qual jó está inconsciente, nominalmente, que seu sofrimento será um teste de lealdade e fé que foi pré-arranjado no céu.¹⁷

Jó, portanto, é parte da expressão do domínio terreno de Deus, pois, após o fim das provações pelas quais ele passou Deus deu ainda mais do que ele possuía. Ora se Satanás não pôde vir a impedir o reestabelecimento da vida de Jó Isso demonstra que não somente Deus tem o poder para tirar da pobreza, mas também ela é temporária em

the two or three centuries which followed it. (tradução livre). KOLLAR, Nathan R.; SHAFIQ, Muhammad. *Poverty and Wealth in Judaism, Christianity, and Islam*. New York, NY: Springer Nature, 2016, p. 157.

¹⁵ HOBBSAWN, Eric J. *A era dos Impérios 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

¹⁶ JUNG, Carl Gustav. *Answer to Job*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011.

¹⁷ “By this technique, the author communicates to the reader vital information of which Job is unaware, namely, that his suffering will be a test of loyalty and faith that was prearranged in heaven.” (tradução livre). HAHN, Scott; MITCH Curtis. *The Ignatius Catholic Study Bible*. San Francisco: CA: Ignatius Press, 2014, p. 119.

seu sentido material restrito, dado que, mesmo que a pobreza terrena se mantenha, por motivos que podemos até desconhecer em sua totalidade. O Reino de Deus em sua esfera celeste está reservado àqueles que sofrem injustiça.

3 POBRE E NÃO POBREZA

“Quem cometer injustiça receberá de volta injustiça, e não haverá exceção para ninguém” (Mt 5,3)

A conotação de pobreza usada por nós é sinônimo de opressão. Isso se dá pelo fato de que toda opressão desagrada a Deus. O filósofo Herbert Marcuse, na fase final da sua filosofia durante os seus estudos sobre o fenômeno do anti-semitismo percebe um padrão da estrutura social tomando como base a dialética, que é a presença de grupos ditos “majoritários” e opostos socialmente à estes outros ditos “minoritários”.

Nosso estudo se formou de investigações específicas sobre a anti-semitismo, conforme nosso trabalho avançava, porém, a ênfase gradualmente mudou. Nós passamos a considerar nossa principal tarefa não analisar o anti-semitismo ou qualquer outro preconceito contra minorias como um fenômeno sociopsicológico por si mesmo, mas sim examinar a relação do preconceito contra minorias a padrões caracterológicos e ideológicos mais vastos.¹⁸

Sendo assim, devemos tomar consciência que qualquer minoria, seja ela étnica, de gênero, ou até mesmo religiosa deve ser amparada pelo agir cristão que deve vir a mitigar na medida do possível o sofrimento alheio, independente das características do indivíduo. Como Cristo o faria.

3.1 AS BOAS NOVAS AOS POBRES

Nos macarismos estudados por nós se percebe uma presença considerável do uso da voz passiva. Isso se dá porque aquele que há de cumprir as promessas feitos nesses

¹⁸ “Our study grew out of specific investigations into anti-Semitism. As our work advanced, however, the emphasis gradually shifted. We came to regard it as our main task not to analyze anti-Semitism or any other anti-minority prejudice as a sociopsychological phenomenon per se, but rather to examine the relation of antimority prejudice to broader ideological and characterological patterns” (tradução livre). WOLFF, Robert Paul; MOORE JR., BARRINGTON; MARCUSE, Herbert. *A critique of pure tolerance*. Boston: Beacon Press, 1965, p. 119.

textos é o próprio Deus e não haveria razão para dúvida, pois: “Deus não é homem para que minta, nem filho de homem para que se arrependa. Acaso ele fala e deixa de agir? Acaso promete e deixa de cumprir?” (Num, 23, 19).

Além disso a promessa feita aos pobres engloba todas as promessas anteriores, logo, isso demonstra a importância que Cristo dava ao indivíduo em estado de injustiça. Justamente por ele ser vítima do mal que ele veio para extirpar.

A influência divina também se dá sobre os governantes que vem a agir somente sobre a permissão de Deus de modo que ocorra o controle dos acontecimentos de acordo com a providência divina. Como diz Pedro: “Por causa do Senhor, sujeitem-se a toda autoridade constituída entre os homens; seja ao rei, como autoridade suprema” (1Ped 2, 13).

3.2 ESPÍRITO HUMILDE

Um dos Santos da Igreja Católica Romana mais venerados é São Francisco de Assis. Francisco foi um reformador do século XII que trouxe novamente a questão da pobreza como sendo concomitante ao agir cristão. A questão da humildade foi separada da noção de pobreza material especialmente no período da Alta Idade Média onde a luxo da vida dos clérigos contrastava com a aguda pobreza do povo.

Porém, da mesma forma que ter consciência dos seus pecados é algo nobre, *se orgulhar disso*, ou seja, se orgulhar da sua santidade é nocivo pois como C.S. Lewis demonstra ao analisar a visão de Santo Agostinho sobre a questão do valor real que devemos dar aos nossos sentimentos: Santo Agostinho define a virtude como *ordo amoris*, a condição ordenada das afeições, em que cada objeto está de acordo com aquele tipo de grau de amor apropriado para ele. Sendo assim ter as afeições “ordenadas” é saber avaliar o valor real das coisas, isso inclui, ter um espírito humilde sabendo dessa forma avaliar o real valor das nossas virtudes e o real peso de nossas falhas.

3.3 CONSIDERAÇÕES

Sir Thomas More em seu livro “Utopia“ faz uma relação entre o descobrimento do “Novo Mundo“ em sua época e a realização dos anseios humanos por justiça e

perfeição. No enredo um navegador português descobre uma ilha onde havia condições sociais quase que perfeitas, a ilha de Utopia.

Normalmente nossos anseios têm uma base um tanto quanto material, sendo assim, é da natureza humana que haja um anseio por condições melhores, visto que utopia significa “lugar nenhum” a esperança do fim do pecado e sofrimento terrenos é esmiuçada tanto pelo autor, como pela realidade. O próprio Cristo vem a afirmar: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16, 33). Porém, se enquanto aqui estivermos teremos dificuldades ELE nos dá a seguinte esperança: “(...) o meu reino não é deste mundo (...)” (Jo 18, 36).

CONCLUSÃO

Conclui-se, ao fim de nossa exposição, que a pobreza em seu aspecto social, assim como nos foi exposta inicialmente como uma situação de inferiorização socialmente imposta, não terá o seu fim enquanto houver o pecado.

Refletimos que assim como Deus desejava da sociedade judaica pré-cristã que auxiliasse seus semelhantes não somente com um mero espiritualismo, mas com o “pão de cada dia”. Ele igualmente espera de nós uma posição firme contra as desigualdades sociais e a pobreza.

Igualmente é possível ficarmos inconscientemente alienados da realidade do outro devido à normatização da pobreza no nosso cotidiano, já que ela esteve aqui antes, e continuará a estar depois de nós. É notável que apesar do reino de Cristo não ser desse mundo podemos apaziguar as condições de dificuldade impostas aos nossos semelhantes através da caridade.

O amor deve estar ligado à humildade e à pobreza no espírito, para que o orgulho não seja o motivo de nossas ações, ou mesmo a tentativa de nos salvarmos por razões próprias, desprezando assim a maior ação de caridade de todas, o sacrifício de nosso Senhor Jesus Cristo.

Que possamos nos tornar empáticos para com a situação do próximo através do desenvolver da pobreza de espírito que nos aproxima das necessidades espirituais do outro para que nosso objetivo não seja saciar as suas necessidades materiais imediatas mas trazer mais um indivíduo para a presença transformadora de Cristo.

Por mais que nossas ações possam parecer inócuas diante da dimensão do problema é de se lembrar do episódio bíblico da viúva que tinha uma pequena oferta diante daquela dos fariseus e escribas, mas que, diante de Cristo por ter dado o seu melhor teve sua oferta considerada como mais valiosa.

Que possamos tratar o nosso próximo como Cristo em sua parábola da Ovelha perdida, que deixou as outras noventa e nove no aprisco somente para salvar aquela que tinha necessidade, independentemente da causa ou do gênero desta.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Moyses Ferreira de. *Bem-aventurados os pobres no espírito: a identidade dos pobres no espírito das bem-aventuranças do evangelho segundo Mateus 5.3*. Vitória, ES: Faculdade Unida de Vitória, 2012. 42 p.
- ARNIM, Ioannes ab. *Stoicorum Veterum Fragmenta*. Vol III. Stuttgart, DE: Stvtgardiae in aedibvs B. G. tevbneri, 1964. 284 p.
- AUNE, David E. *Revelation 1-5*. World Biblical Commentary. Volume 52, DALLAS Word Books Publisher, 1997. 989 p.
- BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA KJV: 1611 Edition. Peabody: MA: Hendrickson Publishers, 2005. 1536 p.
- BRAVO, Carlos G. Mateus: *boas-novas para os pobres-perseguidos: a busca de chaves globais de compreensão*. Petrópolis, Vozes, n. 13, p. 27 - 39, 1992
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHAMPLIN, Russel Norman. In: *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia P - R. 1*: Candeia, 1991. 950 p. p 306-307
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia A - C. 1*: Candeia, 1991. 950 p. 488-491
- DANTAS, Lúcio Gomes. *A escola e a opção pelos pobres*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 23 de maio de 2014.
- DUMAIS, Marcel. *O sermão da montanha: Mateus 5-7*. São Paulo, SP: Paulus, 2014. 110 p.
- FREYNE, Sean. *A Galileia, Jesus e os evangelhos: enfoques literários e investigações históricas*. São Paulo, SP: Loyola. 1996. p. 69-70
- GALILEA, Segundo. *O sentido cristão do pobre*. Madrid: Paulinas, 1979. 104 p.
- HAHN, Scott; MITCH Curtis. *The Ignatius Catholic Study Bible*. San Francisco: CA: Ignatius Press, 2014. 170 p.
- HENDRIKSEN, William. *Mateus*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2010. 624 p.
- HILDEGARDA, Santa. *Scivias: conhece os caminhos do Senhor*. São Paulo, SP: Paulus, 2015. 782 p.
- HOBBSAWN, Eric J. *A era dos Impérios 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo, SP: Paulinas, 1983. 512 p.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalem in the times of Jesus: An Investigation into Economic and Social Conditions during the New Testament Period*. Philadelphia, PA: Fortress Press, 1969. 422 p.
- JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento: nova edição revista e ampliada*. São Paulo, SP: Hagnos, 2011. 504 p.

- JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. 494 p.
- LEVINE, Amy Jill. *Sermon on the mount a beginner's guide to the Kingdom of Heaven*. Nashville, TN: Abingdon Press, 2020. 133 p.
- JUNG, Carl Gustav. *Answer to Job*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011. 167 p.
- KOLLAR, Nathan R.; SHAFIQ, Muhammad. *Poverty and Wealth in Judaism, Christianity, and Islam*. New York, NY: Springer Nature, 2016. 345 p.
- LEWIS, Clives Staples. *A Abolição do homem*. Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil, 2017. 90 p.
- MEIER, John P. *Um judeu marginal Repensando o Jesus histórico: as raízes do problema e da pessoa*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1993. 483 p.
- MORE, Thomas. *Utopia*. [S.L.] . Penguin, 2018. 216 p.
- MOUNCE, William D. *Léxico Analítico Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falava Zaratustra*. São Paulo: Lafonte, 2017.
- PENNINGTON, Jonathan T. *The Sermon on the Mount and Human Flourishing: A Theological Commentary*. Grand Rapids, MI: Backer Academic, 2017. 354 p.
- SANTOS, Mário Ferreira dos. *Protágoras*. São Paulo: Matese, 1965.
- SCHAMA, Simon. *The Story of the Jews Finding the Words 1000 BC - 1492 AD*. New York, NY: Harper Collins, 2015. 602 p.
- SHEDD, Russel Philip. *A felicidade segundo Jesus reflexões sobre as bem-aventuranças*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2001. 127 p.
- STOTT, John R.W. *Contracultura Cristã*. São Paulo: ABU Editora, 1982.
- STOTT, John R. W. *A mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo, SP: ABU, 1989. 235 p.
- VAAN, Michiel de. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Boston, MA: Brill, 2008. 837 p.
- WESLEY, John. *Sermões de Wesley*. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1953. 564 p.
- WOLFF, Robert Paul; MOORE JR., BARRINGTON; MARCUSE, Herbert. *A critique of pure tolerance*. Boston: Beacon Press, 1965.